

MIGUEL: UM ESTUDO DE CASO NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DE SERRA-ES

Sabrina Selvatici Gomes Ghidini
Mestranda do PPGMPE/UFES
sabrinaselvatici@yahoo.com.br

Eixo Temático: Propostas curriculares e práticas pedagógicas
Comunicação oral

Resumo: Trata-se de um estudo de caso, realizado no cotidiano de uma escola de Serra-ES. Aborda o processo de escolarização de um estudante de 15 anos, regularmente matriculado no 5º ano do Ensino Fundamental, por sua vez não alfabetizado, com diagnóstico de déficit de atenção e hiperatividade e transtorno opositor desafiador e com premente histórico de agressividade. O referido discente trazia o acúmulo da reprovação e do fracasso escolar, carregando vários rótulos sociais e escolares. A investigação evidencia as ações pedagógicas constituídas pela professora do 5º ano para envolvimento do estudante nas ações planejadas e desenvolvidas para o coletivo da sala de aula comum. Busca respaldo teórico em Boaventura de Sousa Santos (2006). A pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2018, por meio do planejamento pedagógico, da mediação em sala de aula e da composição de estratégias para envolvimento do discente no currículo escolar. Ganha destaque as ações voltada para a alfabetização do discente que sustenta o estudo de caso. Como instrumento de coleta de dados, apoia-se no diário de campo. Como resultados, o estudo evidencia a importância de se apostar na educabilidade humana; na sistematização de práticas pedagógicas inclusivas e no acompanhamento discente a partir do atendimento às suas potencialidades e necessidades de aprendizagem. Além disso, dá destaque que a busca por novas/outras possibilidades de envolvimento dos alunos público-alvo da Educação Especial nas práticas pedagógicas se configura em potentes e ricas alternativas de formação continuada e uma aposta nos princípios da inclusão em detrimento dos da exclusão.

Palavras-chave: Educação Especial. Inclusão escolar. Práticas pedagógicas

Introdução

Nas últimas décadas, fortaleceram-se os pressupostos da Educação Especial em uma perspectiva inclusiva. Esses pressupostos confrontam-se com o sistema de exclusão que postula a ideia de que existem pessoas com “diferenças tão significativas” que precisam ser subjetivadas como não existentes e não aptas à convivência social/escolar.

A exclusão é, sobretudo um fenômeno cultural e social, um fenômeno de civilização. Trata-se de um processo histórico através do qual uma cultura, por via de um discurso de verdade, cria o interdito e o rejeita [...]. A desqualificação como inferior, louco, criminoso ou pervertido consolida a exclusão e é a perigosidade pessoal que justifica a exclusão (SANTOS, 2006, p. 280-281).

A defesa por outra perspectiva de Educação levou-nos a constituir este estudo que tem como objetivo central *apresentar movimentos constituídos por uma professora do ensino comum de Serra-ES, na composição de ações pedagógicas, visando o processo de escolarização de um estudante com diagnóstico de déficit de atenção e hiperatividade e transtorno opositor desafiador, por sua vez não alfabetizado e regularmente matriculado no 5º ano do Ensino Fundamental.*

O texto traz reflexões com as teorizações de Boaventura de Sousa Santos (2006) e pauta-se no desenvolvimento do estudo de caso e nas ações pedagógicas realizadas pela professora visando o acesso ao conhecimento pelo estudante eleito para a composição desta pesquisa.

As contribuições de Boaventura de Sousa Santos para as práticas pedagógicas inclusivas

O processo de escolarização de estudantes público-alvo da Educação Especial demanda que os profissionais da Educação estabeleçam novas-outras relações com os conhecimentos mediados em sala de aula. Boaventura de Sousa Santos (2006) alerta que o pensamento moderno se mostra indolente, pois privilegia conhecimentos hegemônicos, produzindo o epistemicídio daquele que advém de grupos sociais desfavorecidos.

A razão indolente (o conhecimento único) acaba por trazer, em seguida, os pressupostos de outras monoculturas: do tempo linear; da naturalização das diferenças (quem é diferente é desigual); da escala dominante (tudo o que é local é desprezível) e do produtivismo capitalista (modos hegemônicos de produção de experiências e de conhecimentos).

A razão indolente tem criado barreiras para que os estudantes público-alvo da Educação Especial sejam vistos como propensos à aprendizagem, portanto lançados para um lado abissal da escola/sociedade, ou seja, um lado invisível. Para enfrentamento da razão indolente, Santos (2006) propõe o trabalho com a Sociologia das Ausências e das Emergências: ações políticas e epistemológicas que buscam mostrar que o que não existe é socialmente produzido como inexistente, sendo possível realizar movimentos para que essa produção seja reconhecida como credível.

Assim, a composição de práticas pedagógicas inclusivas se mostra como uma ação atrelada à Sociologia das Ausências e das Emergências (SANTOS, 2006), tendo em vista combaterem a razão indolente e apresentarem outras possibilidades de se explorar uma ecologia de saberes, de tempos, de modos de produção, de existência e de possibilidades de se apostar na diferença como potência de vida.

Metodologia

A pesquisa busca fundamentação nos pressupostos da pesquisa qualitativa e do estudo de caso. Segundo Moreira e Caleffe (2008), a pesquisa qualitativa traz para o pesquisador um conjunto de dados subjetivos que permitem a compreensão da realidade social. Já o estudo de caso, favorece a compreensão de uma determinada situação, articulando-a a situações mais gerais, de maneira detalhada e minuciosa.

O caso aqui retratado é o de Miguel (nome fictício). Um estudante com 15 anos, matriculado no 5º ano do Ensino Fundamental, tendo vivenciado várias experiências de insucesso escolar: reprovação; rótulos como incapaz de aprender; com dificuldades nas interações sociais; com diagnóstico de déficit de atenção e hiperatividade e transtorno opositor desafiador e com premente histórico de agressividade.

No ano de 2018, Miguel foi matriculado na Escola “Manoel Bandeira” (nome fictício), por ter sido reprovado quatro vezes no 5º ano, em sua escola de origem. Diante desse cenário, emerge o estudo de caso que se sistematiza a partir das seguintes frentes de trabalho: a) compreensão das necessidades de aprendizagem do aluno, situação que favoreceu os espaços de planejamento; b) composição de novas outras ações pedagógicas para envolvimento do discente no currículo escolar; c) mediação em sala de aula visando à apropriação do conhecimento, com destaque a alfabetização. O estudo foi realizado de fevereiro a agosto de 2018, tendo a pesquisadora como registro dos dados, o diário de campo.

Análise de dados

Em fevereiro do corrente ano, passado quinze dias após o início do ano letivo, a professora pesquisada recebeu a matrícula de Miguel. Fez o seu acolhimento e solicitou que ele escolhesse um lugar para sentar. Ele sentou-se na quarta carteira da fila do canto. A docente se apresentou e solicitou ao aluno que se apresentasse à turma. Aparentemente tímido e desconfortável, apenas disse o primeiro nome e não quis mais interagir. A docente entregou os livros didáticos para o aluno, assim como foram entregues aos outros estudantes na primeira semana de aula.

Percebemos que o aluno permaneceu de cabeça baixa durante a primeira aula e, apesar da insistência da professora, não fez as atividades propostas. No final dessa aula, levantou-se e disse que estava com muita dor na cabeça e pediu para que a docente ligasse para sua mãe. O aluno foi encaminhado para a coordenação e, pouco tempo depois, a avó apareceu para buscá-lo. Com o objetivo de conhecer, um pouco mais da vida do estudante, foi perguntado a ela se aquelas dores eram frequentes. Para surpresa, ela respondeu que sim. Por esse motivo, quase todos os dias, tinha que buscá-lo mais cedo na outra escola. Afirmara que ele também era muito faltoso, devido às dores de cabeça. Pontuou, também, que não adiantaria a professora tentar ensiná-lo, pois ele “[...] não aprende nada, não sabe nada, nem o próprio nome. Já reprovou várias vezes

(AVÓ DO ESTUDANTE). Vemos aqui como a razão indolente (SANTOS, 2006) lançava o estudante para um lado abissal da realidade escolar, alocando-o como não capaz de aprender.

Quando a avó disse isso, foi notório o constrangimento de Miguel que, rapidamente, baixou a cabeça. Nesse momento, a professora abraçou-o e disse que aquele ano seria diferente. Afirmava que ele iria aprender muitas coisas novas. Pensamos que, a partir dessa acolhida, a professora começara a ganhar a confiança dele. Esse contexto nos fazia recordar Meirieu (2002), quando afirma que a escola precisa afastar-se de uma idealização de aluno e compor com os sujeitos concretos que possui momentos pedagógicos, ou seja, experiências de aprendizagem com sucesso.

Nos dois dias seguintes, Miguel faltara. Quando retornou, veio acompanhado da mãe, que pediu para conversar com a professora. Na coordenação, ela relatava que o adolescente tomava remédio controlado, tinha dificuldades de aprendizagem (não era alfabetizado) e no cumprimento de normas (era indisciplinado). Dizia que ele tivera muitos problemas na outra escola e que ela enfrentava muitos embates (com os outros professores) em relação ao rendimento escolar de seu filho. No entanto, dizia: “[...] tenho clareza que ele não ‘é santo’. Aprontava muito na escola”, sendo suspenso, da mesma, diversas vezes” (MÃE DE MIGUEL).

Salientava que Miguel estivera fora da escola, pois não tinha conseguido a matrícula na escola de origem. A professora ouvia atentamente e dizia: “[...] a priori, deixaremos (de lado) os livros didáticos e vamos nos dedicar à alfabetização. Penso ser melhor propor atividades diferenciadas, utilizando materiais diversos” (PROFESSORA). Salientou a importância da participação da família, quanto à organização de uma rotina de estudos e colaboração nas atividades para casa. Conversava com a mãe sobre a necessidade do resgate da autoestima do adolescente, sendo necessário parar de fazer comparação entre ele e a irmã mais nova que era alfabetizada.

No transcorrer do primeiro semestre de 2018, a professora passou buscar adequar as atividades propostas no currículo escolar à alfabetização. Utilizou duas apostilas; trabalhou com jogos; compôs momentos de monitoria; explorou diversos gêneros textuais; trabalhou com músicas; realizou momentos de contação/leituras de histórias; e promoveu acessibilidade das atividades das disciplinas para que Miguel se sentisse parte da sala de aula.

Sempre pedia a colaboração da turma. Discutia com a classe o quanto cada um de nós apresenta facilidades e necessidades de apoio. Os alunos podiam compreender os porquês dos momentos de ensino mais individualizados com Miguel. Essa atenção diferenciada também era estendida a outros alunos da classe. Para tanto, a docente sempre resgatava a necessidade de colaboração de todos, principalmente, em relação à disciplina.

Percebíamos, no transcorrer da coleta de dados, que a professora não podia contar muito com a família de Miguel, no que tangenciava a organização de uma rotina de estudo em casa e na realização das atividades. No entanto, volta e meia, ele aparecia com as atividades para casa realizadas. A mãe sempre comparecera às reuniões. Nada foi fácil, mas, gradativamente, diria Meirieu (2002), Miguel era envolvido no vínculo social, pela via do conhecimento.

No final do primeiro trimestre, Miguel participara (com sua turma) da Olimpíada Brasileira de Astronomia – OBA. Para alegria da escola e de sua família, conseguia 6,3 pontos na prova – em uma escala de 0 a 10 – assumida com grau de dificuldade médio. Para participar dessa atividade, a docente lia as perguntas da prova e ele respondia, oralmente. Depois, a professora ia soletrando e ele escrevia as palavras. Alguns alunos alfabetizados, da mesma sala, tiraram nota abaixo da média (6,0). Miguel encontrara, na Sociologia das Ausências e das Emergências, outras possibilidades de conhecimento, de tempo, de reconhecimento de sua diferença e de produção de conhecimentos.

Passado um tempo, após a chegada de Miguel, uma das pedagogas foi até a sala da professora, isso no horário de planejamento. Solicitou os nomes dos alunos faltosos. Para a surpresa da docente, a pedagoga estava assustada quando foi citado o nome completo de Miguel. Relatara, com isso que, a matrícula desse aluno estava proibida na escola, pois ele já havia ali estudado, há um tempo. Fora transferido para a outra escola por causa do seu mau comportamento. A princípio, aquela história assustara a docente investigada. Percebíamos que ela ficava, muitas vezes, pensativa. No entanto, indagava-se: “[...] se eu tivesse todas essas informações, será que a minha ação pedagógica seria a mesma? Talvez, não”.

No decorrer do ano, Miguel tivera algumas suspensões por envolvimento em brigas, durante o recreio. Percebia-se que essas situações eram totalmente contrárias às suas atitudes em sala de aula. Ali ele se mostrava aprendente. Gostava de aprender. Tomara gosto pelos estudos. Apesar de todo seu histórico, Miguel permanecera na escola. Hoje, possui certa autonomia para fazer as atividades propostas. Lê palavras com sílabas simples, soma, subtrai e multiplica operações simples, ou seja, possui um bom rendimento, embora seja ainda um pouco faltoso (mas nada comparado a quantidade de faltas que tinha na outra escola). Nunca mais sentiu dor na cabeça. Possui um ótimo relacionamento com os colegas da turma. O respeito é recíproco. A professora nunca tivera problema de indisciplina com o aluno em sala de aula.

Por meio das iniciativas da professora, era possível conversar sobre o aluno na escola, compondo momentos de reflexões sobre suas potencialidades e dificuldades. Na escola, já era possível falar em trabalho colaborativo. Com um olhar mais centrado em Miguel, percebia-se que ele adorava futebol e se mostrava um excelente desenhista. Desta forma, o combate à razão indolente mostrava que o processo de inclusão de Miguel era repleto de desafios, mas também possíveis. Ele ia se humanizando e levando a escola a vivenciar momentos de formação em contexto, por apostar em sua educabilidade.

Considerações Finais

Precisamos combater a razão indolente que produz rejeição a tudo o que é significado como diferente. Há de se entender que cada ser humano é uma possibilidade e, a partir desse olhar, ressignificar a prática pedagógica, levando em consideração diversos aspectos e estratégias que afetam o ato educativo. Talvez essa tenha sido a grande aposta feita em Miguel – a inclusão em detrimento da exclusão.

Referências

MEIRIEU, P. **A pedagogia entre o dizer e o fazer**: a coragem de recomeçar. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MOREIRA, H.; CALEFFE L.G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

SANTOS, B. S. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Editora Cortez, 2006.